

DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# JUSTA RECOMPENSA

Por ANTONIO HENRIQUES RIBEIRO da CUNHA

Desenhos de ADOLFO CASTAÑE

**D**ESDE que sua mãe adoecêra, nunca mais, Joãozinho, que tinha apenas 10 anos, pôde voltar para a escola por ter de angariar o sustento da doente e da sua irmãzinha, Fernandinha, uma débil menina de 8 anos, que em casa estava a tratar da mãe.

Ele bem gostava de aprender! Era tão lindo pegar num jornal ou num livro qualquer e começar logo a lêr tudo o que êle dizia — pensava Joãozinho —! Razão tinha o professor quando dizia que quem não sabe lêr não sabe coisa alguma; mas que fazer, se a necessidade lhe impunha a obrigação de deixar a escola para ganhar dinheiro para sustentar a casa, já que a sua mãe estava doente?

Metia dô vê-lo á chegada dos combóios, carregar com pesadas malas para o centro da cidade, ou, quando estas eram maiores, a puxá-las num carrinho de mão. Mas êle tudo fazia com o fervor religioso, de ganhar dinheiro para comprar remédios para sarar sua mãe, para sustento dos três e, ainda, para pagar o aluguer da casita que habitavam.

Ao chegar a noite ninguém o via mais pelas esquinas, junto com os outros carregêes; ia para casa depositar nas mãos da mãe, que o beijava com reconhecimento, o



dinheiro ganho durante o dia. Depois ajudava Fernandinha a fazer a ceia e a tratar do amanho da casa, e, após tudo pronto, sentava-se na cama a estudar. Não passava um dia em que êle não estudasse pelo menos meia hora, já que não podia ir para a escola, estudava em casa, desprezando as fadigas do intenso trabalho que, por vezes, tinha, durante o dia.

Sempre que Joãozinho chegava a casa, a mãe chorava de alegria. Parecia-lhe impossível uma criancinha ter tal amor pela vida, pois desde que adoecera, nunca lhe faltou dinheiro para coisa alguma, graças a Joãozinho.

Uma vez que Joãozinho vinha da estação, como de costume, com uns pesados fardos, viu na rua um homem maltrapilho, caído no chão. Umaz criaturas que passavam, vendo-o assim estendido, andaram sempre, julgando-o bêbado, mas Joãozinho assim o não entendeu. Poisou no chão os fardos que trazia e foi levantar o pobre homem que estava desfalecido. Deu-lhe uma fricção, conseguindo que êle se reanimasse, e, depois, ajudou-o a ir para casa, um humilde tugúrip, que era numa rua próxima.



Chegados ali, estiveram os dois um pedaço a falar, mostrando-se o homem imensamente reconhecido e não deixou Joãozinho sair sem que este lhe dissesse o seu nome completo e a sua filiação.

Passaram-se anos. Joãozinho conservava-se na mesma vida porque sua mãe continuava doente.

Agora, Joãozinho, que nunca deixara de estudar, já dava lições à irmã, já conhecia os nossos clássicos, já discutia sobre literatura e sobre ortografia, e como o dinheiro lhe não escasseava, devido ao seu proficuo trabalho, todos os dias comprava «O Século» para o ler à sua mãe.

Um dia, mal abriu o jornal, deparou com uma notícia, cujo titulo, a letras do tamanho de feijões, dizia:

*Um aparento generoso, que deixa toda a sua fortuna calculada em vinte mil contos, a um rapazito que há anos o socorrera num ataque de que foi vítima, na via publica.*

Joãozinho devorou com sofreguidão toda aquela longa notícia. Não estava ele sonhando? De facto aquêle maltrapilho que elle levantára na via publica poderia ser um millionário? Parecia-lhe tudo aquilo um sonho, mas não havia dúvida: a fotografia era do próprio que elle socorrera.

Fora de si, de contente, correu á redacção a certificar-se melhor da verdade e como tudo se confirmava, louco de alegria, foi para casa levar a boa nova a sua mãe e a sua irmãzinha. Que alegria elas iam sentir!

Dentro em poucos dias toda essa enorme fortuna estava nas suas mãos.

Agora, num elegante palácio que comprára, Joãozinho só tinha um desgosto: era ver sua mãe doente no leito.

Um dia, vendo-o triste, perguntou-lhe asta:

—Porque te julgas infeliz, Joãozinho? Parece que o dinheiro te tirou a alegria. Quando tinhas de trabalhar todo o dia para assegurares a nossa substancia, nunca te vi assim.

—Para a minha felicidade ser completa—atalhou Joãozinho, chorando, com a sua cabeceita loira deitada no colo da mãe—para que a minha felicidade fôsse completa havia de a poder arrancar desse leito para fora.

—E porque não, Joãozinho? Tu tudo mereces. Pede a Nossa Senhora que te faça mais este favor, que estou certa que Ela to não negará.

Ao outro dia, leu no jornal que chegára a Lisboa um especialista muito afamado. Correu a chamá-lo, e ao fim de três dias, a velhinha entrava em franca convalescença.

Agora era um gosto ver os três, a saltar, como três criancinhas, risonhos e contentes, pelo jardim do palácio.

E aqui está como Deus premiou Joãozinho por ser bom filho, por ser caritativo e por ser estudioso.

Por ser bom filho, restituindo-lhe a saúde á mãe; por ser caritativo, dando-lhe a imensa fortuna do aparento; e por ser estudioso, dando-lhe a faculdade de poder ler a noticia, pois se assim não fôsse, podia ella não chegar ao seu conhecimento e toda aquella herança ir por água abaixo.

Deus, proteje sempre os espiritos bem formados.

## CORRESPONDENCIA

**Fernando Zuzarte Costa:**—Recebemos o teu original que não podemos publicar por não ser da índole do nosso suplemento. Revelas vocação mas para outro género litterário.

**Luizinha Romeiro:**—Os teus desenhos serão publicados a seu tempo, pois temos outros com direito á prima-

zia, em virtude de terem chégado anteriormente, e á falta de espaço com que lutamos.

**Berto Vieira:**—Sim. Serão abertos novos concursos brevemente e a todos elles poderás concorrer.

**José Crato Diniz:**—Não podemos responder á pergunta que nos fazes, pois nada tem que ver com a secção do nosso suplemento. Quanto á tua produção, podes enviá-la e sobre ella daremos a nossa opinião.

**Manoela Franco de Lima:**—Desiste dos trabalhos litterários e cultiva o género de charadas e adivinhas.

T. O PAULO



Desenhos A. CASTAÑE

**O** Juca Serapião  
Tem prosápias de bravura...  
E garbo de capitão  
Em dias de formatura.

Ao dinheiro que amalha  
Dá-lhe sempre aplicação,  
Para armas e metralha  
De um grande batalhão!

Tem perto de mil soldados.  
De patente variada!  
Uns com armas, perfilados,  
Outros nas suas montadas,

Tem canhões, metralhadoras,  
Tudo em grande profusão!  
E faz batalhas sonoras  
Com bombas de S. João!

Um dia, a mãe, foi á baixa  
Ás compras do fim do mês.  
Pôs tudo fóra da caixa  
Pela miléssima vez!

E vai chamar os vizinhos,  
Agrupando em batalhão,  
Meninos e rapasinhos  
Que eram mais dum quarteirão!...

Faz de jornais capacetes,  
Põe divisas a granel...  
Em todos os diabretes,  
De major a furriel.



Alinha o seu batalhão,  
Nomeia-se general!  
E faz uma alocução  
Em grande cerimonial!...

Apontando pró loiceiro  
Diz com aprumo e firmeza:  
— Óh exército guerreiro  
Eis a vossa fortaleza!

Vamos todos batalhar,  
Soldados, armas ao alto!  
Há que vencer e lutar  
Para a tomarmos d'assalto,

Metade dos meus soldados  
Vão defender o reducto,  
E por nós são atacados  
Após o meu plano astuto!

Ficam junto do loiceiro  
Os quatro da fortaleza,  
Que belo garbo guerreiro  
Déssa tropa portuguesa!

O exército atacante  
Em bravura o outro iguala.  
Põe-se um pouco mais distante,  
No outro extremo da sala.

Diz o Juca General  
Ordenando com firmeza:  
— Soldados de Portugal  
Atacai a fortaleza!...

Começa a batalha, enfim...  
Cobardes não há nenhum!  
As armas fazem-Pim! Pim!  
Os canhões fazem-Pum! Pum!

Cheira a pólvora queimada,  
Há já mortos e feridos,  
Alguma loiça quebrada  
E muitos vidros partidos!...

E o Juca no seu cavalo  
Ante a vitória implacável,  
Lembrava, posso jurá-lo,  
O nosso bom condestável!

Mas no ardor destas contendas,  
Sem dar conta, a petizada,  
Entra a mãe com encomendas  
E atrás déla uma criada...

Vendo o tremendo sarilho  
De que o Juca era o mentor,  
Puxa as orelhas ao filho  
E... záz, tráz, no... *sim senhor...*

Entre toda a caqueirada  
E num berreiro infernal,  
Diz o Juca:— Em guarda, em guarda,  
Em guarda seu General...!



■ FIM ■



# O CASTIGO

## LANGARITA E

Por C. de Bidassoá

sofria tôdas as afrontas das irmãs, sem se exaltar, para só tratar do bem estar do pai.

A segunda em idade, a rata Corre-corre, e a mais nova, a Inchadinha, capacitadas de que era uma grande maçada tratar dum velho e aturar as irmãs, resolveram inscrever-se numa comunidade de ratas que havia num celeiro distante, e para ali foram viver, entregues à meditação dos grãos que o celeiro possuía.



**D**ESDE que a velha ratazana mãe morrera, nunca mais as quatro ratas, que do pai ficaram a cuidar, por êste estar quasi cêgo e não poder andar por ser muito trôpego das pernitas, se deram bem, por causa da diferença de gênios.

A mais velha, a rata Põe-põe, como o nome indica, era a mais pacata e ponderada de tôdas. Dotada de muito bom gênio,

# DIABRURAS



I — Francisquinho ao ver, um dia, toda entregue à freguesia, a assadeira das castanhas, uma velhinha gaiteira, decide, com suas manhas, roubar-lhe uma da assadeira.



II — Por um acaso fortuito, conseguindo o seu intuito, para a ver arrelhiada, mete à boca, à vista dela, a tal castanha roubada, inda quente, da panela.

# DA RATINHA A COMUNIDADE Desenhos de Castañé

A outra, a ratinha Langarita, dotada do génio mais irrequieto, também seguiu as duas irmãs, mas como se não quis sujeitar às regras da comunidade, não tardou a voltar para casa. Mas tão pouco se entendia com a irmã que lá tinha estado.  
A rata «Põe-põe» bem fazia por não contrariar a irmã, e para deixar à vontade, passava todo o dia junto do pai a contar-lhe histórias e a jogar as damas com êle, por ser jógo em que o



pai era mestrão, mas a ratinha Langarita pegava por tudo e por nada; berrava, barafustava e nunca estava contente. Mexia o que em casa havia, debaixo para cima, e até lhe apeteceu, um dia, mudar a casa, que era num buracão dum velho muro duma adega, para outro sítio.

A sua vontade é que havia sempre de prevalecer e tinha

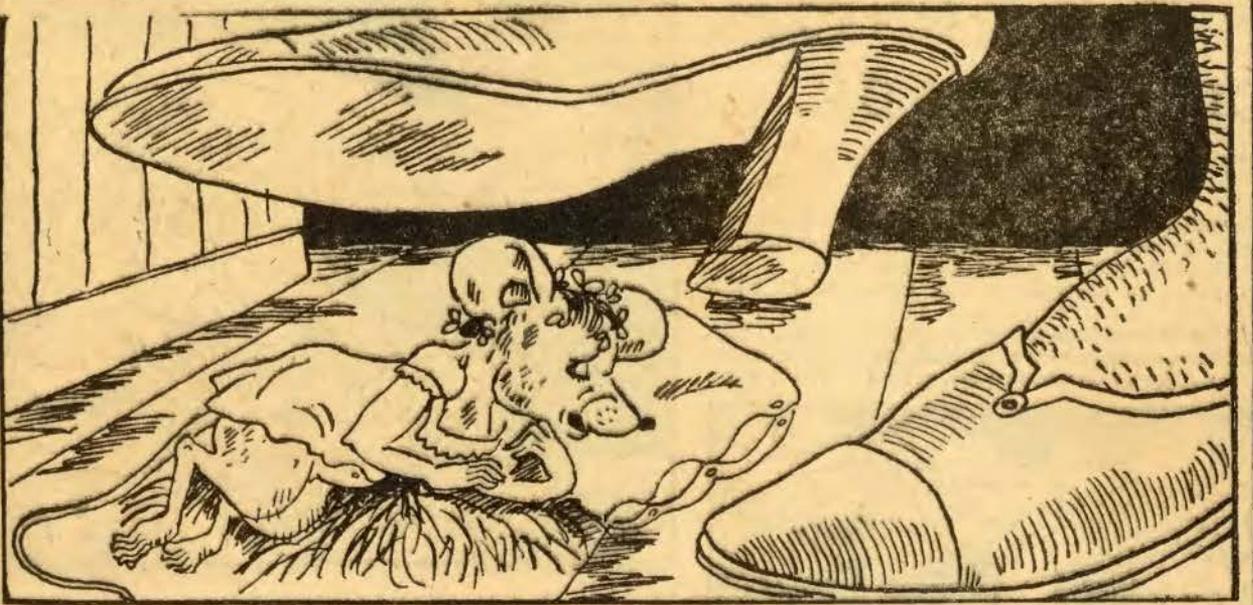


# DO CHIQUINHO



III — Mas quando, precisamente, rejubilava, contente, da sua feia artimanha, o endiabrado rapaz sente estalar-lhe a castanha na boquinha: — *catrapás!*...

IV — E enquanto o Chiquinho chora, com a bôca a arder, agora, ri a velha, à gargalhada, nas bochechas do atrevido. *Toda a acção má, praticada, tem o castigo devido.*



mesmo por gosto contradizer a irmã e desfazer tudo o que ela fazia, embora a irmã fosse mais velha. Do pai não se importava, passava dias e dias que nem junto dele ia, fazendo de conta que quem ali estava era um qualquer objecto inútil.

Quando o pai morreu foi uma verdadeira guerra por causa das partilhas. As duas irmãs que estavam ausentes vieram buscar o seu quinhão, e tantas fizeram e mais a ratinha Langarita que só lhes faltou desenterrar o pobre pai que repousava no último sono. A tudo isto a rata «Põe-põe» que não fazia outra coisa senão chorar o morto, assistia horrorizada.

Por fim fizeram-se as partilhas, mas só com a intervenção da justiça, regressando a rata «Corre-corre» e a «Inchadinha», à comunidade. A ratinha Langarita, construiu uma casinha nova por baixo dum caixote velho que havia na dispensa da casa e para ali foi habitar. A rata «Põe-põe» bem lhe dizia que isso era uma temeridade, que podiam, quando ela menos o pensasse, ir levantar o caixote e sapanha-la desprevenida, que se deixasse estar onde estavam também as duas, que nada lhes faltava, que tinham que comer e que beber, que a herança do pai lhes chegava para viverem, embora sem luxo, mas livres de vergonhas do mundo; mas a ratinha «Langarita» a nada atendeu e lá foi habitar a sua nova casa, dizendo que ali estava mais à vontade para passear e que, quando quizesse um qualquer petisco, escusava de estar a prepara-lo, que ali tinha tudo à mão.

A rata «Põe-põe» custou-lhe bastante aquela separação, tanto mais que agora tinha de viver sozinha, mas como «contra factos não há argumentos», teve de se sujeitar.

O ano seguinte foi de grande seca, e por isso, a colheita foi de pouco rendimento, de maneira que o dono do celeiro onde está instalada a comunidade a que pertencia a rata «Corre-corre» e a «Inchadinha», teve poucos cereais.

Meses depois de concluídas as colheitas, foi um «criado», ao celeiro, buscar milho para o moinho, e como a colheita havia sido diminuta, deu logo pela falta de cereais. Foi chamar o patrão para lhe fazer ver que alguém tinha ido ao celeiro, porque ele estava muito desfalcado. Acenderam uma luz para melhor avaliarem o que faltava e com espanto crescente encontraram muitas cascas de cereais e excrementos das ratas que denunciavam a comunidade que ali existia.

Deu-se então ali uma verdadeira revolução e como «Deus castiga e não dá pão», dentro de 8 dias foi a comunidade exterminada e as nossas duas conhecidas ratinhas foram das primeiras a conhecer a morte.

A ratinha «Langarita» pagou também todo o atrevimento e todas as faltas de respeito ao pai e, à rata «Põe-põe». Um dia a criada ia a pegar no caixote, sob o qual a nossa ratinha tinha construído a casa, para vir deita-la ao lixo. A ratinha que estava muito descansada a dormir, com uma perninha muito estendida, muito regalada, nem tempo teve de esfregar os olhitos ainda mal abertos do sono, porque a criada, muito lesta, lhe deitou um pé em cima da cabeça, fazendo-a ir desta para melhor.

E aqui está o pago que a ratinha «Langarita» teve de não olhar para o que a irmã mais velha lhe dizia,

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

## COLABORAÇÃO INFANTIL

Desenhos copiados  
e originais

A esquerda e ao centro:

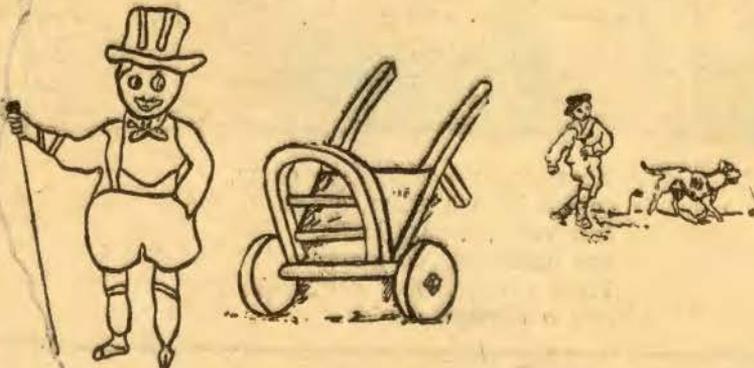
Trabalhos do menino

José Cândido Correia Guimarães  
(12 anos de idade)

A' direita:

Trabalho copiado pela menina

Maria Deolinda Correia Mendes  
(13 anos de idade)



Qual a coisa, qual é ela?... PARA OS MENINOS COLORIREM

I

Um grande préstimo tenho em caixinha registada; E, mesmo, sem ser de estanho, sou, muita vez, estanhada.

II

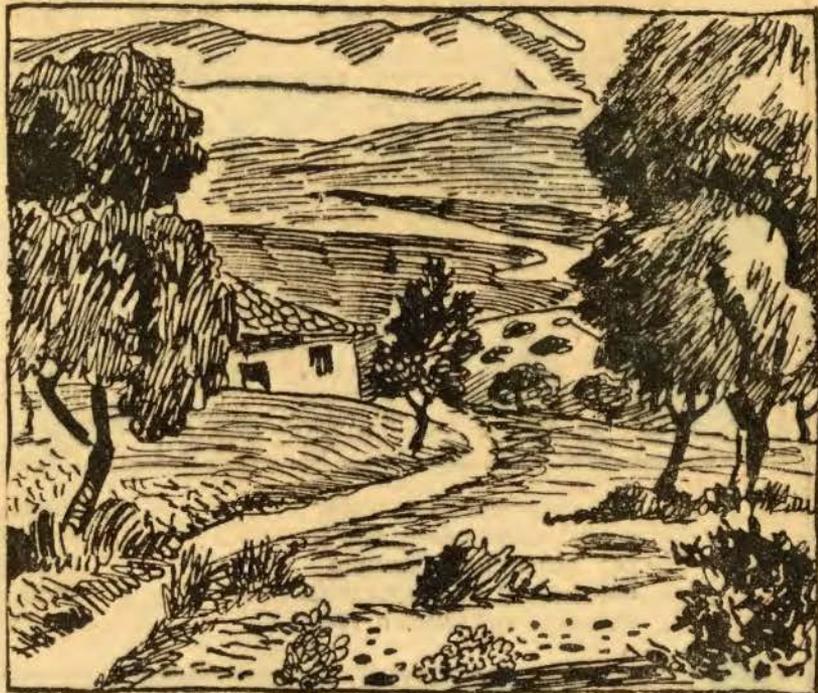
Sou actriz italiana, sou rama de pinheiral, estou na caixa da costura, entre as linhas e o dedal.

III

Mudando a segunda letra em U em O, A ou E, sou um preceito da Igreja, sou adjectivo elegante, sou brinquedo de bebê ou cartucho e fulminante.

Decifração das antarciores

- I - Marqueza.
- II - Condessa.
- III - Lata, Loto, Pata.



ADIVINHA



Vejam se encontram a filha deste sujeito.

CHARADAS EM FRASE

Este homem aguarela bonecos e julga-se pintor. - 2-2.

Esta planta lembra uma parte do corpo e dá-nos repouso. - 1-2.

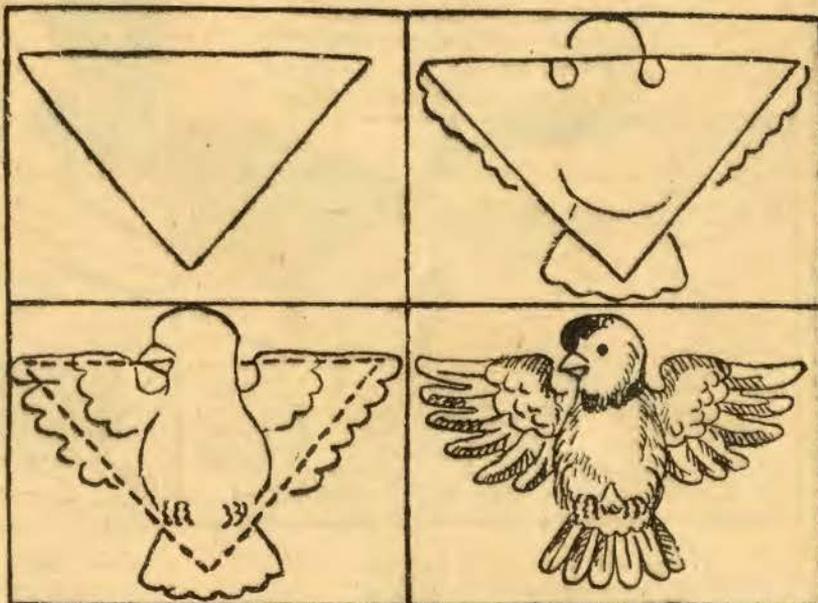
Aqui este homem parece um animal. - 1-2.

O homem amanha a terra e cultiva a planta ao pé dum quadrúpede. - 2-1.

O ponto cardinal agitando o vestuário parece transformá-lo em sal. - 1-2.

A espingarda molhou-se na corrente e foi atingir o móvel. - 2-2.

LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um passarinho

# Guardado está o bocado...

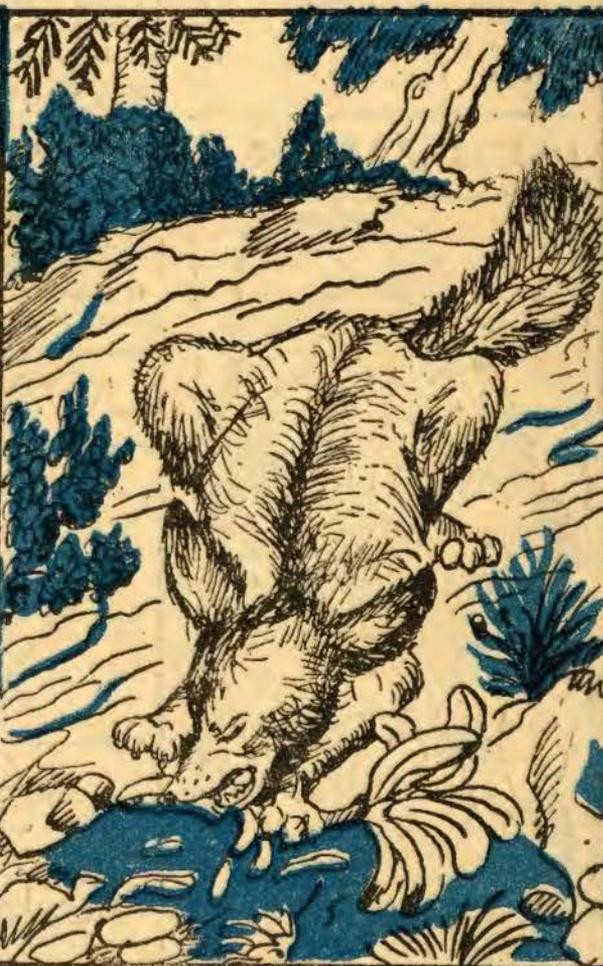


I — Era uma vez um macaco, o qual tinha um grande fraco por bananas, de maneira que, ao ver uma bananeira, deu logo um salto, o velhaco.

II — Porém, como já lá estava — (coisa com que não contava) — um enorme chimpanzé trava-se um grande banzé que termina em luta brava.



III — Mas foi tanta a bordoada que a bananeira, abanada, fez com que o cacho tombasse; e o que era de prever, dá-se: — ficaram ambos sem nada;



IV — Pois uma certa raposa que era devéras gulosa, então, passando por baixo, abocanha logo o cacho, em fuga vertiginosa.

V — Finalmente, é bem de ver, deu-se o que era de prever, conforme diz o ditado: — guardado está o bocado p'ra quem o há-de comer!